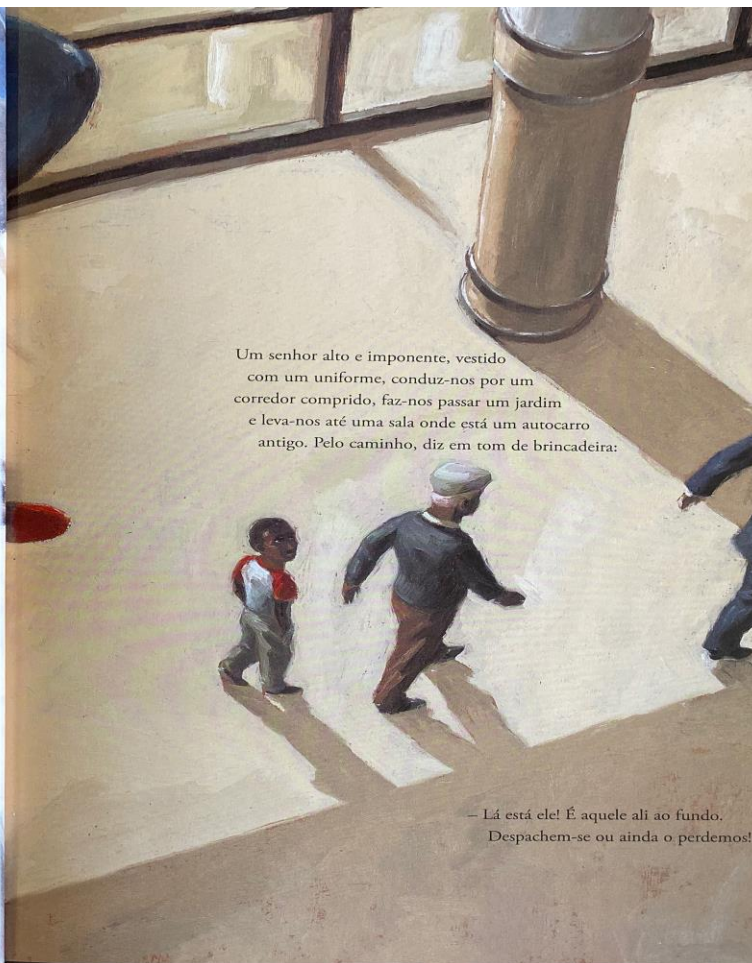
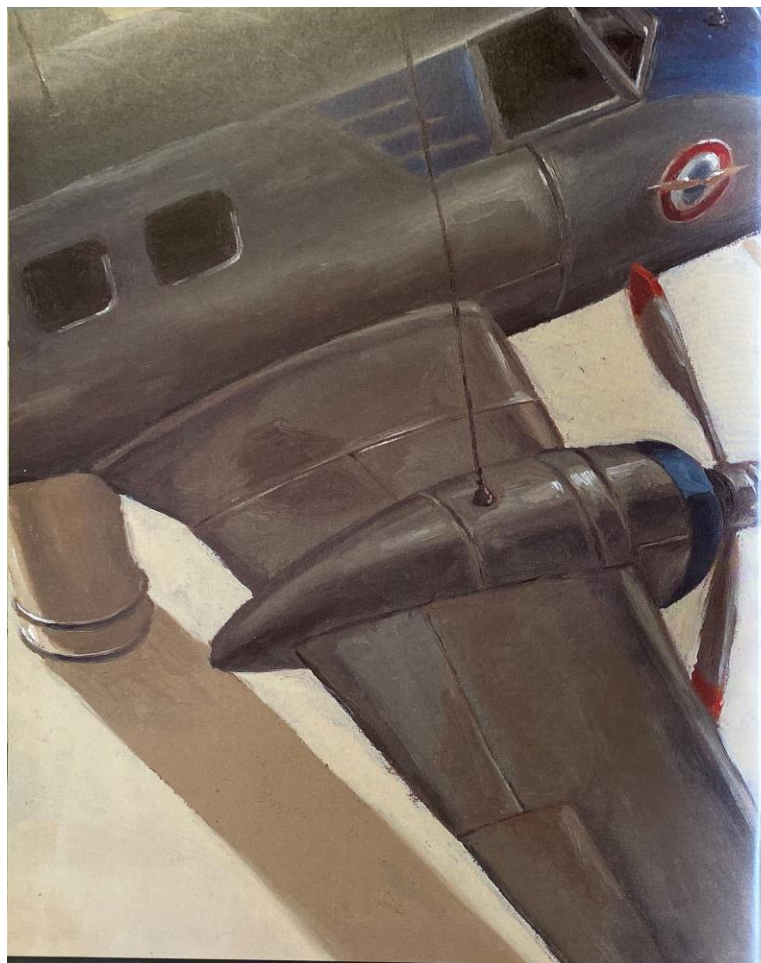


Uma visita do neto e do avô ao Museu Henry Ford em Detroit. Sentam-se no mítico lugar onde a 01.12.1955, Rosa Parks (costureira negra de 44 anos) se manteve no seu lugar e não o cedeu a um branco. Esta atitude convicta e serena despoletou uma atitude de recusa em andar de autocarro e foi potenciada pelo corajoso Martin Luther King.

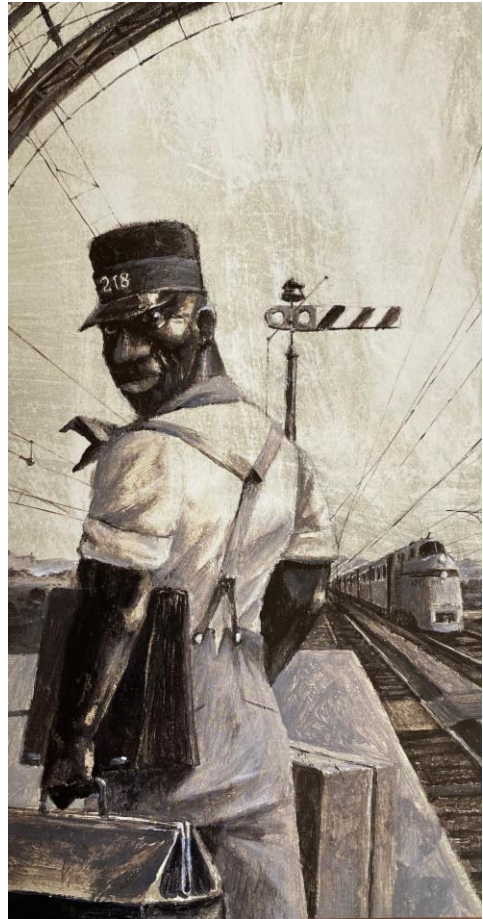
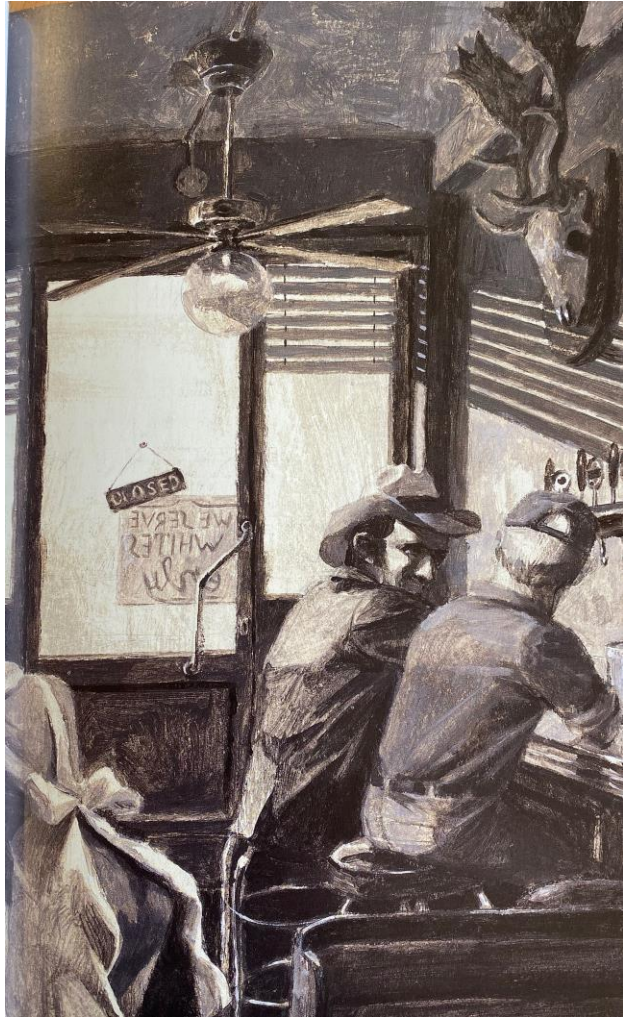
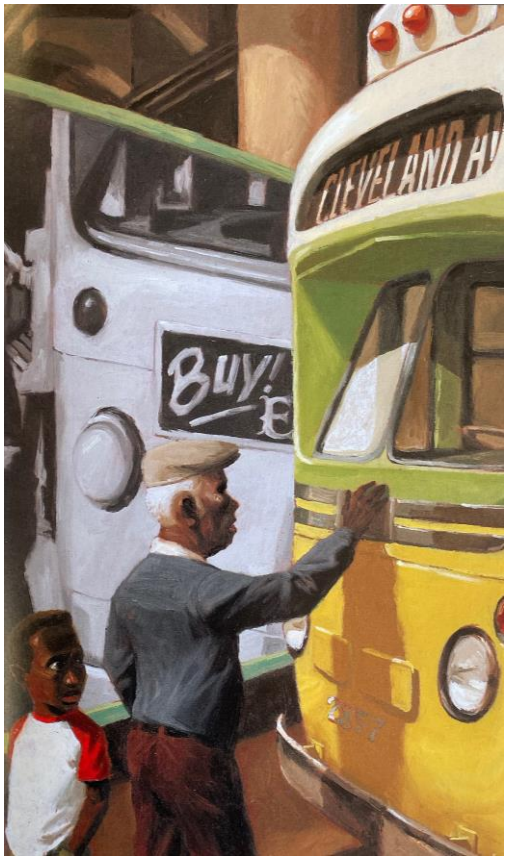
O avô, um dos passageiros negros, que não teve a coragem de Rosa, quis honrar essa mulher levando o seu neto ao autocarro para lhe passar a ideia que um pequeno gesto pode muito fazer pela justiça e igualdade. Quantos autocarros têm passado por ti? Não fiques inativo, assume a tua parte. Nelson Mandela também apanhou um autocarro como este e resistiu à segregação e ao apartheid. Não é por acaso que a Amnistia Internacional Portugal associou o seu logo à edição deste belo livro que vale não só pelo texto de Fabrizio Silei como pelas expressivas ilustrações de Maurizio Quarello.

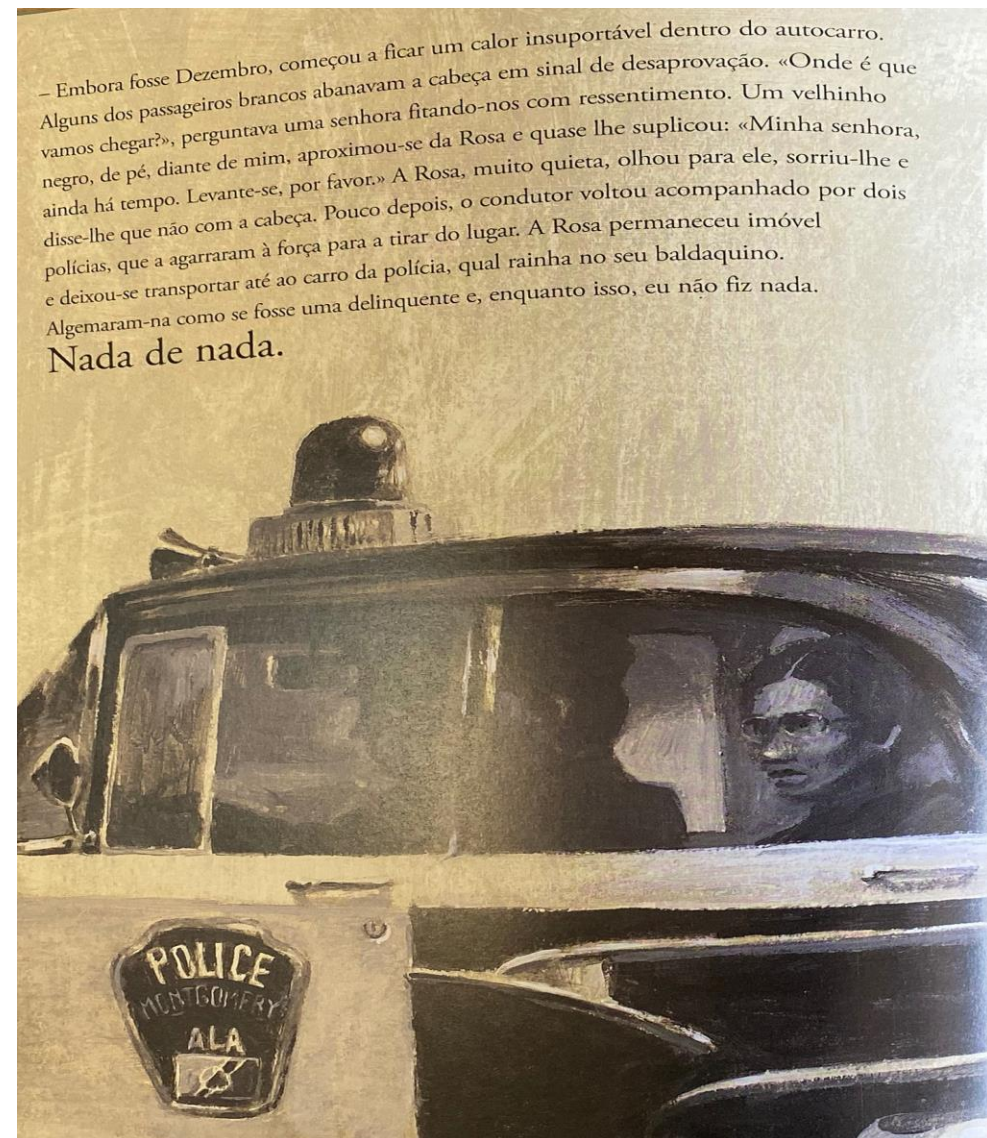
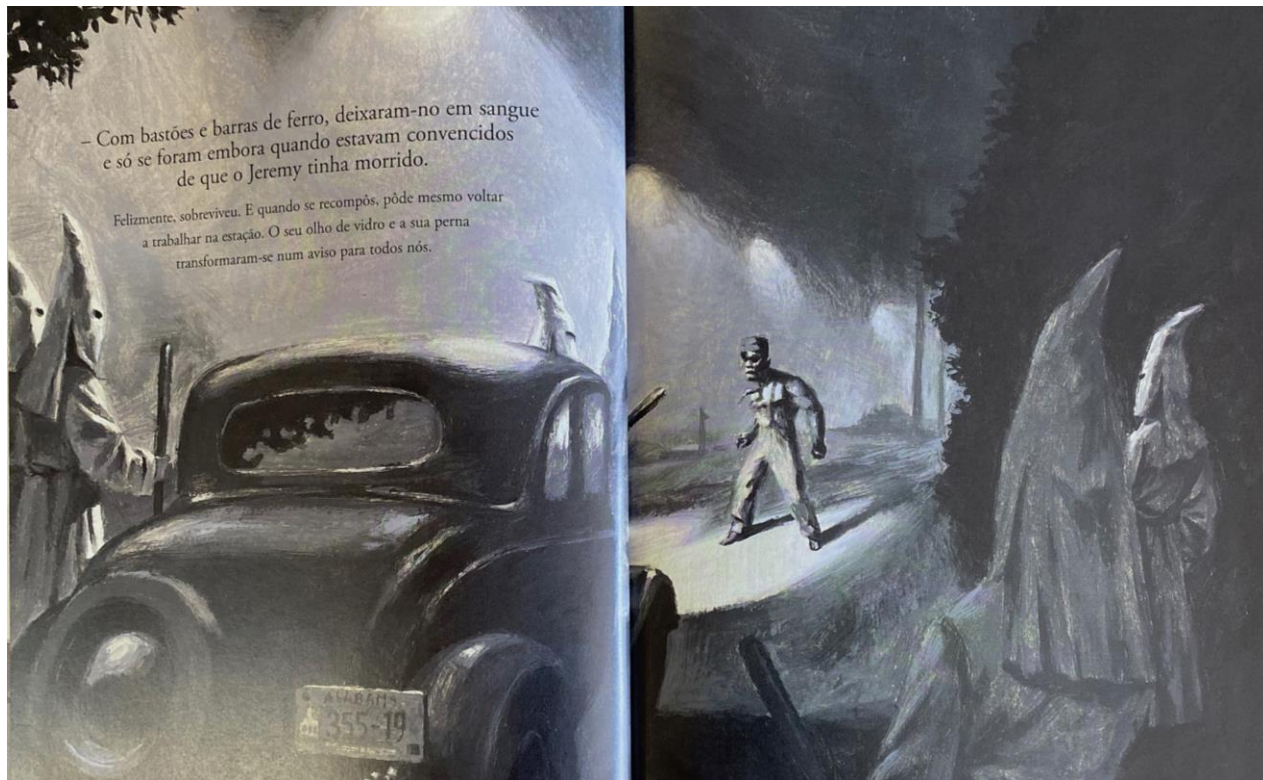
Para ser lido e lembrado este gesto de resistência à segregação e ao apartheid protagonizado por uma simples mulher, associando-lhe os nomes de grandes figuras da luta contra o racismo: Martin Luther King e Nelson Mandela.



Um senhor alto e imponente, vestido
com um uniforme, conduz-nos por um
corredor comprido, faz-nos passar um jardim
e leva-nos até uma sala onde está um autocarro
antigo. Pelo caminho, diz em tom de brincadeira:

— Lá está ele! É aquele ali ao fundo.
Despachem-se ou ainda o perdemos!





SOMOS ANIMAIS POÉTICOS

MICHÈLE PETIT

Prefácio de Daniel Goldin
Tradução de José Alfaro



FAKTORIA
K
AGORA

Um antídoto para o horror

Darei um último exemplo que permite compreender um pouco melhor alguns dos processos através dos quais a beleza, não só criada, mas também contemplada, permite sair do inferno, seja em que idade for. Diz respeito a uma mulher, Catherine Meurisse, cuja história muitos conhecem. Recorde-se que era responsável pelas páginas culturais do jornal satírico *Charlie Hebdo*. Na manhã de 7 de Janeiro de 2015, deprimida por um desgosto amoroso, tem dificuldade em se levantar. Por fim, lá acaba por sair para o trabalho, muito atrasada. Ao chegar diante do jornal, encontra o cartoonista Luz, que havia perdido o comboio e lhe diz que nem pense em entrar, pois dois homens armados acabam de se introduzir no edifício. Escondem-se, ouvem as rajadas das *kalashnikovs*. O resto é história: um massacre que será notícia em todo o mundo.

Passados alguns dias, Catherine Meurisse encontra-se num estado de «dissociação»: já não sente nada, perdeu completamente a coerência e as memórias. Uma parte de si morreu. Mistura palavras, esquece-se de como começou as frases, do fio dos pensamentos. «O terrorismo não aniquila só as pessoas, destrói também a linguagem e a memória», dirá mais tarde¹⁹.

Está rodeada de amigos, tem um psicanalista que a ouve e apoia, mas rapidamente sente que também precisa de outra coisa: de beleza. «Mais do que arte, beleza», especifica. «Lancei-me então na busca de uma

beleza absoluta, na esperança de que fosse reparadora.» A das paisagens e das obras. Vai até à beira-mar, tem a impressão de ver o oceano pela primeira vez. Algumas semanas depois, visita uma exposição. Nada lhe diz nada, ela não vê nada, não está lá. No entanto, na última sala, depara com *O Grito*, de Munch: «Era o urro que eu não consegui dar a seguir a 7 de Janeiro.» Apetecia-lhe, literalmente, entrar na obra. Não o podendo fazer, vai representar a cena que está a viver.

Esforça-se por recomeçar a escrever, a desenhar, por recuperar emoções, memórias, a palavra e o pensamento que a tinham abandonado. E observa: «Não conseguia desenhar em folhas soltas, como antes; era preciso que tudo estivesse junto, colado. Que nada mais se dispersasse, pois eu própria estava feita em pedaços, em desordem.»

No entanto, Paris está demasiado marcada pelo horror, com novos massacres a ocorrerem a 13 de Novembro de 2015. É a cidade do sangue. Catherine consegue então alugar um pequeno quarto na *Villa Medici*, em Roma. «Precisava de fazer uma pausa, de uma cidade afável, aparentemente adormecida: Roma é apelidada de “cidade eterna”, é o arquétipo da beleza. Tinha necessidade desse género de símbolos para me recompor.»

Projeto de leitura | escrita.

- Apresentação de ideias estruturantes para os projetos de leitura e escrita.
- Exercícios de partilha de leitura em voz alta. Prática de atividades de leitura e escrita criativa com o envolvimento familiar promovendo a **criação de comunidades de aprendizagem inclusivas.**

- **Público-alvo**
- **Objetivos**
- **Metodologia**
- **Atividade(s) de pré-leitura**
- **Atividade(s) de leitura**
- **Atividade(s) de pós-leitura**
- **Recursos**

Deve saber vários versos de cor. Qual o primeiro que lhe vem à cabeça?

Dois: “Eu cantarei de amor tão docemente”, de Camões, e “Farei um verso de puro nada”, de Guilherme d’Aquitânia.



- **É preciso voltar a ouvir a natureza, não é?**

É preciso voltar ouvir as coisas, a música das estrelas, pois claro.

A poesia serve para quê?

A poesia de facto não serve para nada, não tem uma aplicação prática. Com a poesia não se faz uma mesa, não se constrói uma casa. Mas ela é absolutamente fundamental, porque, como toda a arte, assiste-lhe não o pragmatismo, mas o simbólico, e nós, humanos, precisamos do simbólico, que passa sempre pela nossa relação com os outros. Precisamos dele como precisamos de comer ou de dormir. Porque é sua a dimensão estética, mesmo quando fala do horror ou da crueldade. A poesia, tal como eu a concebo, faz-nos, acredito, melhores pessoas, porque nos move (podendo fazer-nos agir) – e nos comove.